

A CEGUEIRA MORAL: DA ALEGORIA SARAMAGUIANA EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA* AOS ABRIGOS NO RIO GRANDE DO SUL

MORAL BLINDNESS: FROM SARAMAGO'S ALLEGORY IN *BLINDNESS* TO THE EMERGENCY SHELTERS IN SOUTHERN BRAZIL

Bruna Otto*
Daniel Marinho Laks**

RESUMO: O presente artigo analisa a relação de abuso de pessoas vulneráveis em situação de catástrofe e a literatura saramaguiana como representação desta realidade em *Ensaio sobre a cegueira* (1998). O estudo tem a finalidade de discutir o lugar da literatura como representação de eventos que desafiam a moralidade social, explicitando o olhar pós-neorrealista de José Saramago e sua relevância nas discussões em debates contemporâneos. A abordagem salienta como a escrita alegórica do autor funciona como testemunho diante das atrocidades sociais e pode servir como instrumento crítico do mundo e como denúncia em situações inconcebíveis. A proposta foi conduzida a partir de comparações entre a narrativa e episódios reais com base em estudos, artigos científicos e notícias sobre o desastre climático no Rio Grande do Sul ocorrido em 2024, principalmente aos eventos que se sucederam a ele em abrigos de acolhimento a vulneráveis. O trabalho tem, portanto, a pretensão de refletir sobre o poder ético e social da literatura diante de situações de violência e abuso.

PALAVRAS-CHAVE: José Saramago. *Ensaio sobre a cegueira*. Violência. Vulnerabilidade.

ABSTRACT: This article analyzes the connection between the abuse of vulnerable individuals during times of catastrophe and its literary representation in José Saramago's novel *Blindness* (1995). The study discusses literature as a symbolic space for reflecting on events that challenge social morality, highlighting the author's ethical and critical perspective—rooted in a neorealist tradition that evolves into an allegorical and politically engaged style. The approach emphasizes how Saramago's fiction operates as testimony to social atrocities and serves as a means of denouncing violence and systemic failure. The analysis builds a comparison between the novel and real-life episodes that took place during the 2024 climate disaster in the state of Rio Grande do Sul, Brazil—especially the reports of abuse in emergency shelters. This article thus seeks to reflect on the ethical and social power of literature in the face of violence, injustice, and neglect.

KEYWORDS: José Saramago. *Blindness*. Violence. Vulnerability.

* Mestrado em Estudos de Literatura na Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR).

** Professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Literatura (PPGLit) da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Bolsista de produtividade PQ2 do CNPq.

Introdução

Em meio a uma sociedade cada vez mais desinteressada por debates críticos e pela literatura como instrumento de reflexão, há um perigo crescente de estarmos formando pessoas cada vez menos empáticas e solidárias e sem capacidade interpretativa e ética do indivíduo. Antonio Candido (1998) já advertia para a perda da nossa humanidade, ou seja, nossa capacidade de refletir, de adquirir o saber, o respeito ao próximo, a sensibilidade, o entendimento desse mundo, os quais a literatura e as artes concedem.

Há uma ideia imposta pelo mundo globalizado de que a criação artística deve ser útil (CERDEIRA, 2020, p. 101). Se há uma “função” para a literatura, que seja combater um *status quo* que paralisa o pensamento reflexivo, a habilidade em romper preceitos e pensamentos tradicionais, combater a ignorância de estados autoritários.

À vista disso, a literatura é a melhor maneira de repensar o poder vigente e olhar para aquilo que não é falado ou que se esconde nos silêncios da sociedade, talvez porque incomoda e constrange, nos faz duvidar ou questionar as prioridades anunciadas por um grupo seletivo e exclusivo. Conforme analisa Teresa Cristina Cerdeira (2020, p. 106-107), é aqui, então, que José Saramago utiliza na linguagem literária o seu incômodo e tumultua o pensamento retrógrado. Dito isso, esse artigo tem por objetivo analisar como a alegoria construída em *Ensaio sobre a cegueira* (1995), de José Saramago, permite compreender situações de violência e abuso contra mulheres em situações de catástrofe como a ocorrida em 2024 no Rio Grande do Sul. Com base em aportes teóricos que interpretam a produção literária de José Saramago, como Teresa Cristina Cerdeira, Carlos Reis, Maria Alzira Seixo, e pesquisas realizadas ao longo dos últimos anos sobre grupos vulneráveis em meio a catástrofes, pretende-se evidenciar como o olhar atento e alegórico de Saramago representou de modo crítico uma sociedade que se afasta cada vez mais da humanidade e da empatia. Além disso, evidencia-se como a escrita do autor

mostra-se atemporal a partir de suas reflexões diante de uma sociedade que não vê - ou que não escolhe fazê-lo.

A função ética e a alegoria saramaguiana

José Saramago é um autor em destaque pois vai além da observação trivial da realidade, conferindo uma autêntica análise representativa da condição humana. Adquire uma posição de cidadão e de homem político (REIS, GRÜNHAGEN, 2023, p. 7), porque suas criações conversam com o mundo que observa atentamente. Em uma entrevista em 1978, o autor afirma que ser escritor vai além do ato de produzir livros, é uma atitude perante a vida, uma exigência e uma intervenção, o que mostra sua força reativa diante do que presenciava no mundo pós-moderno.

Apesar de *Ensaio sobre a cegueira* ser escrito após sua fase neorrealista, há ainda características do movimento. É possível encontrar na obra aspectos que revelam um autor ainda muito preocupado com questões humanistas e um compromisso social e político mesclados a singulares alegorias construídas a partir de sua percepção de mundo. Esse método revela um autor com uma impressionante capacidade de sintetizar questões ético-contemporâneas, uma vez que seu olhar reflexivo se estendia também na construção linguística.

[...] a poética saramaguiana não é (nem poderia ser) um normativo fechado, com intuito prescritivo e ancorado numa conceptualização teórica que, não cabe ao escritor. Além disso, a poética saramaguiana expressa-se, não raras vezes, sob o signo daquele impulso paródico, desconstrutivo e descanonizador que é uma das marcas de água da identidade literária do escritor (REIS, 2019, p. 16).

Outros recursos escolhidos pelo autor, principalmente em *Ensaio sobre a cegueira*, demonstram sua intenção em tornar sua leitura possível em todos os lugares. Conforme analisa Gisele Frade Silveira, em *O caos social na cidade fictícia em Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago* (2012), seu objetivo era criar uma cidade sem nome pois representaria qualquer lugar do mundo (p. 1), o que transforma toda aquela realidade do livro mais factível.

Há, portanto, uma intenção clara na escrita do autor, algo que já fora revelado por ele - seu romance era veículo para a reflexão. Nessas reflexões, o autor convidava o leitor a um lugar de percepção atenta e ativa, ou seja, o leitor não deveria ocupar um lugar de passividade, mas antes entregar-se à história e refletir atentamente, pois ele também faz parte dessa sociedade descrita no livro. Muitos dos problemas sociais que vimos e vemos acontecer no nosso meio - e muitas vezes se repetir - abarcam as personagens na história. A violência, a falta de empatia, a diluição de valores e direitos estão presentes na obra assim como estão intrínsecos na nossa jornada.

Na história, uma epidemia de cegueira se alastra por um local. Progressivamente as pessoas vão perdendo a visão e sendo alocadas em um antigo hospital psiquiátrico, cujo muro é cercado por militares que controlam o pouco contato do grupo com o exterior como na entrega de comida. Teresa Cristina Cerdeira, agora em *O testemunho dos heróis* (2023) observa que a “cegueira era muito mais que um mal concreto, era a metáfora da condição trágica a que a humanidade estava desde sempre sujeita, sem se dar conta disso [...]” (p. 17). Essa alegoria serve para desnudar as deficiências da nossa sociedade, principalmente no que se diz olhar o próximo. Conforme o número de pessoas no espaço vai crescendo, o controle sobre o espaço vai sendo perdido - isso porque um subgrupo é formado: “os cegos malvados”. Com o porte de arma, essas pessoas começam roubando joias, comida e, por fim, cometendo abuso sexual a mulheres.

Passada uma semana, os cegos malvados mandaram recado que queriam mulheres. Assim, simplesmente, Tragam-nos mulheres. Esta inesperada, ainda que não de todo insólita, exigência causou a indignação que é fácil imaginar, os aturdidos emissários que vieram com a ordem voltaram logo lá para comunicar que as camaratas [...] haviam decidido, por unanimidade, não acatar a degradante imposição, objectando que não se podia rebaixar a esse ponto a dignidade humana, neste caso feminina [...] Humilhados, os emissários regressaram às camaratas com a ordem, Ou vão lá, ou não nos dão de comer (SARAMAGO, 2017, p. 165).

Ocorre uma discussão entre as mulheres e os homens das camaratas, pois elas não queriam fazer parte dessa violência. A solução para esse problema não

aparece, ou seja, elas teriam que se submeter a esse abuso para que todos ali pudessem comer, visto que esse grupo monopolizava a distribuição de alimento no lugar. Teresa Cristina Cerdeira, em *José Saramago: a sobrevivência da utopia* (2024), explicita: “[...] no manicômio, trava-se uma guerra civil, em que as maiores vítimas são as mulheres, estupradas como preço pela ração de comida, num inimaginável mercado negro da miserabilidade. Os homens consentem, o preço é pago [...]” (p. 52). Todos naquele hospital psiquiátrico estavam abandonados quase à própria sorte, visto que o Estado não oferecia muito além de comida - que era fracionada. Além disso, também se encontravam em uma situação degradante, cegos juntos, sem saberem direito se orientar diante da cegueira branca que invadiam seus olhos. Todos em caso de fragilidade, em um local precário, abandonados à própria sorte. O livro mostra que, surpreendentemente, há camadas dentro da vulnerabilidade.

A cena de estupro coletivo é descrita em tom brutal e animalesco, com falas que reforçam a objetificação das vítimas e a posição selvagem dos homens entre elas. As imagens criadas são bárbaras, e a concepção de que elas podem fazer jus à realidade é quase inconcebível. A narrativa expõe uma análise de Saramago feita nas mazelas e feridas proeminentes da barbárie e da irracionalidade de uma sociedade que se desenvolve a partir do egocentrismo que alcança o extremismo (SILVA, 2024, p.122). As mulheres são tratadas com intensa agressividade e uma delas acaba morrendo. Seu corpo é levado pelos corredores do hospital, e a mulher do médico assume, diante do cadáver: “Este é o retrato do meu corpo, pensou, o retrato do corpo de quantas aqui vamos, entre estes insultos e as nossas dores não há mais do que uma diferença, nós, por enquanto, ainda estamos vivas” (SARAMAGO, 2017, p. 178-179). A brutalidade da situação descrita é inconcebível e é difícil entender que ela está próxima à realidade e sua verossimilhança é clara.

No livro, a epidemia de cegueira revela a irracionalidade crescente do mundo contemporâneo que José Saramago representou. Em 1999, Teresa Cristina Cerdeira, em *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de*

portugueses, interpreta as mudanças sociais na contemporaneidade da seguinte maneira: “O século XX, de forma ainda mais aguda, trouxe ao homem a experiência do inaceitável, a convivência pacífica com números que identificam tragédias, não de centenas, mas de milhões que perdem paradoxalmente a sua força pela enormidade e abstração do conceito, pela nossa quase impossibilidade de perceber a realidade na ficção da informação”. Nossa falta de conduta diante de violências, nosso descaso frente à quebra de direitos humanos, nossa insensibilidade em casos extremos de crueldade - tudo isso compartilhamos a partir da cegueira epidêmica dos personagens do livro.

A realidade feminina em situações drásticas

Apesar de a cena do estupro coletivo em *Ensaio sobre a cegueira* estar no âmbito da literatura, o autor retratou de forma coerente a realidade: um grupo vulnerável está ainda mais inseguro em momentos de desastre. Em meio a um caos social, pode parecer inconcebível que há realmente grupos que se favorecem da fragilidade do outro e da queda do sistema. Sobre isso, Maria Alzira Seixo, em *Lugares da ficção* (1999, p. 94) fala sobre a capacidade de Saramago em representar o real, pois é a literatura uma leitura crítica da realidade feita através da linguagem.

No que tange a cena da violência sexual em si, infelizmente ela se mostra possível: dados revelam que o gênero feminino é o grupo que mais sofre em momentos de calamidade. De acordo com pesquisas feitas por BMJ Global Health e divulgadas no artigo *Natural hazards, disasters and violence against women and girls: a global mixed-methods systematic review* (2021):

There is also growing evidence of the exacerbation of violence against women and girls (VAWG) during and after disasters,¹⁶⁻²⁰ including violence by a non-partner or intimate partner, rape/sexual assault, as well as female genital mutilation, honour killings and the trafficking of women.²¹ There were reports of widespread rape after the 2010 Haiti earthquake,¹⁶ while intimate partner violence (IPV) was estimated to have increased by 40% in rural areas after the 2011 Christchurch earthquake in New Zealand. (p. 2)

O mesmo artigo mostrou que há grandes riscos em procurar proteção em abrigos durante ou após momentos de calamidade - um problema relatado em diversos países. A grande falta de considerações sobre as necessidades das mulheres acaba criando mais oportunidades de violência e abuso e viabilizando crimes:

The postdisaster displacement camp and shelter environments were also enablers of VAWG. The lack of privacy from open-planned evacuation shelters and insecurity from the lack of doors, walls and locks in displacement camps heightened VAWG in Haiti, Japan and Nepal. Limited consideration of women's needs in camps created opportunities for violence and abuse. (p. 16)

Esses estudos expõem problemas latentes e que não são suficientemente previstos. Nessa mesma instância, pode-se citar sobre os casos de abuso sexual contra mulheres e crianças em abrigos no Rio Grande do Sul durante as enchentes que atingiram o estado no ano de 2024. Conforme análises feitas no artigo *Mulheres, deslocamentos climáticos e violências: perspectivas para o cuidado em saúde* (2024),

A dura realidade das mulheres no RS, que perderam suas vidas ou familiares, envolve violências cotidianas que não cessaram no desastre. Elas - e suas crianças - enfrentaram situações de violência, como abusos físicos e sexuais, nos abrigos ofertados para acolhimento, o que foi denunciado e provocou o Ministério das Mulheres a elaborar um protocolo estabelecendo a obrigatoriedade de “um local para fazer esse tipo de denúncia, banheiros exclusivos para mulheres, abrigos exclusivos para mulheres e crianças, atendimento psicológico e itens específicos em meio às doações que chegam ao estado”.

A dimensão do desastre acontecido em Rio Grande do Sul parece extrapolar a noção de perda e desamparo. O saldo da falta de preparo e organização política foi gigantesco: 2,3 milhões de pessoas foram atingidas em 471 municípios, quase 95% deles. Cerca de 79 mil pessoas ficaram desabrigadas nos piores momentos das chuvas em pesquisas no mesmo ano do fato (CNN Brasil). Uma onda de solidariedade tomou conta do país, que via à distância todo o estado gaúcho desmoronar. Abrigos foram criados, doações foram feitas, diversas pessoas se prontificaram a ajudar, porém não havia espaços criados exclusivamente para mulheres e crianças - incluindo banheiros - e nem todas as pessoas que ofereceram auxílio tinham realmente boas intenções.

Ao tornar-se público que havia denúncias de mulheres e crianças contra predadores sexuais nos abrigos montados para acolhimento, logo percebeu-se a necessidade de um olhar mais atento diante da situação. Ressaltando o estudo apresentado anteriormente, uma reportagem da CNN Brasil (2024) publicou que pessoas em estado de vulnerabilidade estão ainda suscetíveis à maldade humana, pois abusadores estavam se aproveitando da fragilidade das vítimas com tudo que estava acontecendo - as aglomerações nos locais, falta de energia e de banheiros separados por gêneros.

A situação que ocorreu no Brasil mostra que estamos próximos demais de qualquer imaginação pertencente apenas ao plano da distopia de um romance português e que casos semelhantes são muito mais comuns do que imaginamos. Apesar de não estarmos literalmente afligidos por uma epidemia que nos torna cegos, a narrativa em *Ensaio sobre a cegueira* possui muitos elementos que torna cabível um paralelo entre a ficção e a realidade e a obra, lançada em 1995, mostra-se fidedigna ainda nos dias de hoje.

141

Em suma, é possível perceber que, independentemente do local, a vulnerabilidade pode expor as pessoas a riscos inestimáveis. A representação desse problema por José Saramago é passível de comparação com a realidade - uma realidade dura, desumana, violenta e que explora os mais frágeis.

A vulnerabilidade em tempos de crise e *Ensaio sobre a cegueira*

No início de *Ensaio sobre a cegueira*, é possível perceber que o grupo que sumariamente foi colocado no manicômio para encontrar abrigo e cuidado do Estado estava quase desamparado. Tudo se tornara mais difícil para aqueles novos cegos, inclusive com a chegada ao novo ambiente e na nova condição. Havia apenas uma pessoa que enxergava para os guiar, mas que não revelou isso a quase ninguém cuja nomenclatura “a mulher do médico” não revela à primeira vista sua importância. Seu marido, o médico do livro, foi quem atendeu o caso do primeiro cego. E é dela o olhar empático que estava quase extinto nesse mundo.

A mulher do médico é também um olhar compartilhado do narrador, pois sua presença atenta colabora com o relato testemunhal da história e atua à frente dos acontecimentos, conforme Teresa Cristina Cerdeira, agora no texto *José Saramago: o testemunho dos heróis*: “É, portanto, por detrás dela e através dos seus olhos que essas cenas são narradas. Porque alguém as testemunhou” (2023, p. 26). Ela é, portanto, a heroína de uma história infeliz cuja batalha é sobreviver e guiar pessoas, ao mesmo tempo que é uma testemunha solitária do mundo que se deteriora à sua volta.

A interpretação pode ir além. Maiquel Rohrig, no artigo *A problemática do gênero em Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago* (2014), sem cair a uma leitura maniqueísta, diz que, na obra, os homens encarnam o egoísmo e as mulheres, a solidariedade, mesmo que ações egoístas não sejam exclusivas aos homens durante a história (p. 52), uma vez que “ainda está por nascer o primeiro ser humano desprovido daquela segunda pele a que chamamos egoísmo, bem mais dura que a outra, que por qualquer coisa sangra” (SARAMAGO, 2017, p. 169). Essas construções também seriam, então, produto da criação alegórica saramaguiana, que investiu no papel feminino uma força de ação - indo além da representação repetida de passividade e sentimentalismo.

Mais do que isso, as personagens femininas tiveram que tomar a injusta decisão de se sacrificarem pelo grupo do hospital que estava submetido à tirania dos cegos malvados. Em um momento-chave do romance, uma mulher questiona se os homens aceitariam ser entregues, caso os estupradores pedissem homens ao invés de mulheres. O desconforto da resposta não dada expõe a hipocrisia e os limites da solidariedade masculina (SARAMAGO, 2017, p. 166).

A forma como as mulheres são representadas em *Ensaio sobre a cegueira* é fundamental para a compreensão da crítica social presente no romance. Diante de uma maior exposição à violência — especialmente em contextos de catástrofe, como este trabalho discute —, a presença feminina adquire relevo na narrativa, não por uma idealização de virtudes, mas por revelar as tensões,

desigualdades e dinâmicas de poder que atravessam as relações humanas. Saramago insere elementos que suscitam questionamentos sobre a condição humana, como ele próprio afirmou em entrevista: “O homem é cruel sobretudo em relação ao homem, porque somos os únicos capazes de humilhar, de torturar, e o fazemos com algo que deveria estar contra isso, que é a razão humana”.

Conclusão

A leitura de *Ensaio sobre a cegueira* diante dos ocorridos em abrigos no Rio Grande do Sul revela o poder da literatura como fonte de reflexão ética e crítica social. As alegorias construídas por José Saramago ajudam a revelar aspectos profundos sobre a moralidade humana, principalmente diante de casos de vulnerabilidade. É urgente pensar as relações de poder e gênero em casos extremos.

O romance saramaguiano convida os leitores a explorarem suas páginas e lançarem seu olhar ao mundo com cuidado e atenção. Sua escrita serve como um testemunho que expõe um mundo contemporâneo cuja postura é egocêntrica e autocentrada. Ver é enxergar o outro, é perceber e compreender as profundidades que as feridas da desigualdade se balizam numa sociedade que está cega e nem sabe.

Em uma fase pós-neorrealista, Saramago desempenha ainda uma postura crítica à sociedade, produzindo uma intervenção simbólica e política dentro da nossa realidade, tão avessa ao olhar empático em seu próprio meio. A preocupação com nossa conduta ética-social e um combate silencioso, ainda que insurgente, por meio da escrita foi sua grande e deliberada contenda.

A literatura serve como um abrir de olhos para os que não veem, é uma porta que se abre e nunca mais se fecha. Ela transforma para sempre todos que a acessam e serve como o testemunho daqueles que são ignorados. Ler é levantar o véu da verdade que nos impede de nos perceber.

José Saramago possui um olhar minucioso que imerge na complexidade das relações humanas e na forma como elas são representadas. Sua escrita se aproxima de onde quase nenhum olhar humano deseja chegar, num lugar em que nos relembra aquilo que desejamos ignorar. Abrir as páginas de seu livro nos liberta da falsa sensação de segurança que tanto buscamos; ler seu romance é um caminho sem volta para uma autonomia reflexiva da qual não estamos acostumados.

REFERÊNCIAS

AGUILERA, Fernando Gómez (org.). *As palavras de Saramago*. São Paulo: Companhia das letras, 2010.

CANDIDO, Antonio. Direito à leitura. In: *Vários escritos*. São Paulo: Todavia, 1998.

CERDEIRA, Teresa Cristina. José Saramago: a sobrevivência da utopia. In: *José Saramago - o inventor de bússolas*, 2024. p. 37-60.

_____. José Saramago: o testemunho dos heróis. In: *Convergência Lusíada*, 34(Esp.), 2023, p. 14-39. Disponível em: <https://doi.org/10.37508/rcl.2023.nEsp.a848>. Acesso em: 05 de abr. 2025

_____. *José Saramago entre a história e a ficção: uma saga de portugueses* [1999]. Belo Horizonte: Moinhos, 2018. p. 30.

_____. José Saramago: o romance contra a ideologia. In: *Formas de ler: a literatura e a biblioteca, a literatura e o tempo, a literatura e o corpo*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020.

_____. Primo Levi e José Saramago: o livro eterno e o quadro infinito. In: *Formas de ler: a literatura e a biblioteca, a literatura e o tempo, a literatura e o corpo*. Belo Horizonte: Moinhos, 2020, p. 15-45.

CNN BRASIL. *Alagamentos, destruição e 183 mortes: relembre a tragédia das chuvas no RS que marcou 2024*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/sul/rs/alagamentos-destruicao-e-183-mortes-relembre-a-tragedia-das-chuvas-no-rs-que-marcou-2024/>. Acesso em: 09 de abr. 2025.

CNN BRASIL. *Ministério vai apurar denúncia de abuso a mulheres em abrigos do RS*. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/blogs/debora-bergamasco/nacional/ministerio-vai-apurar-denuncia-de-abuso-a-mulheres-em-abrigos-do-rs/>. Acesso em: 09 de abr. 2025.

REIS, Carlos; GRÜNHAGEN, Sara. *O essencial sobre José Saramago*. Lisboa: Imprensa Nacional, 2023. Disponível em: <https://impresanacional.pt>. Acesso em: 5 de abr. 2025.

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Porto Editora, 2015.

SARAMAGO, José. *Ensaio sobre a cegueira* [1995]. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

SEIXO, Maria Alzira. *Os lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: INCM, 1999.

SILVA, Gabriela. A respeito de Ensaio sobre a cegueira. In: ANGELINI, Paulo Ricardo Kralik; OLIVEIRA, Raquel Trentin (org.). *José Saramago - o inventor de bússolas*. Santa Maria-RS: Ed. UFSM, 2024. p. 115-128.

SILVEIRA, Gisele Frade. *O caos social na cidade fictícia em Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago*. Nau Literária, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 1. jul./dez. 2012.

THURSTON, A. M.; STÖCKL, H.; RANGANATHAN, M. *Natural hazards, disasters and violence against women and girls: a global mixed-methods systematic review*. BMJ Global Health, London, v. 6, e004377, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.1136/bmjgh-2020-004377>. Acesso em: 05 abr. 2025.

RIBEIRO, F. M. L.; ANDRADE, C. B. *Mulheres, deslocamentos climáticos e violências: perspectivas para o cuidado em saúde*. Ciência & Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, jan. 2025. Disponível em: <http://cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/mulheres-deslocamentos-climaticos-e-violencias-perspectivas-para-o-cuidado-em-saude/19478>. Acesso em: 09 abr. 2025.

ROHRIG, Maiquel. *A problemática do gênero em Ensaio sobre a cegueira, de José Saramago*. Revista Ártemis, João Pessoa, v. 17, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/artemis/article/view/19166>. Acesso em: 10 abr. 2025.